

handmade

vik muniz

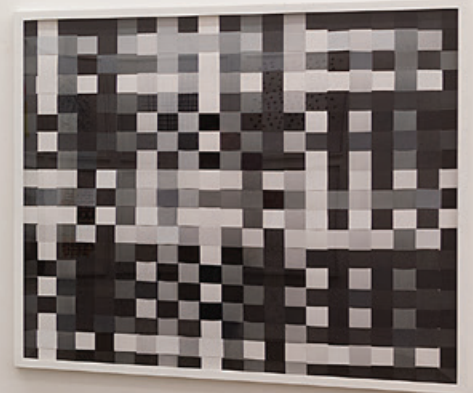
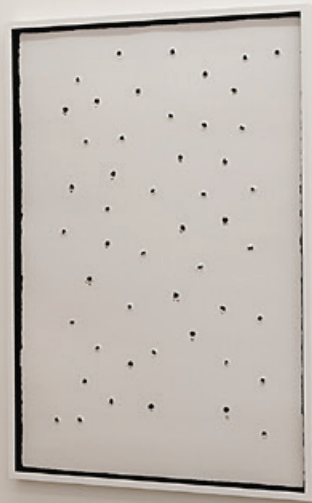
galeria

nara roesler



vista da exposição, galeria nara roesler | são paulo, 2016









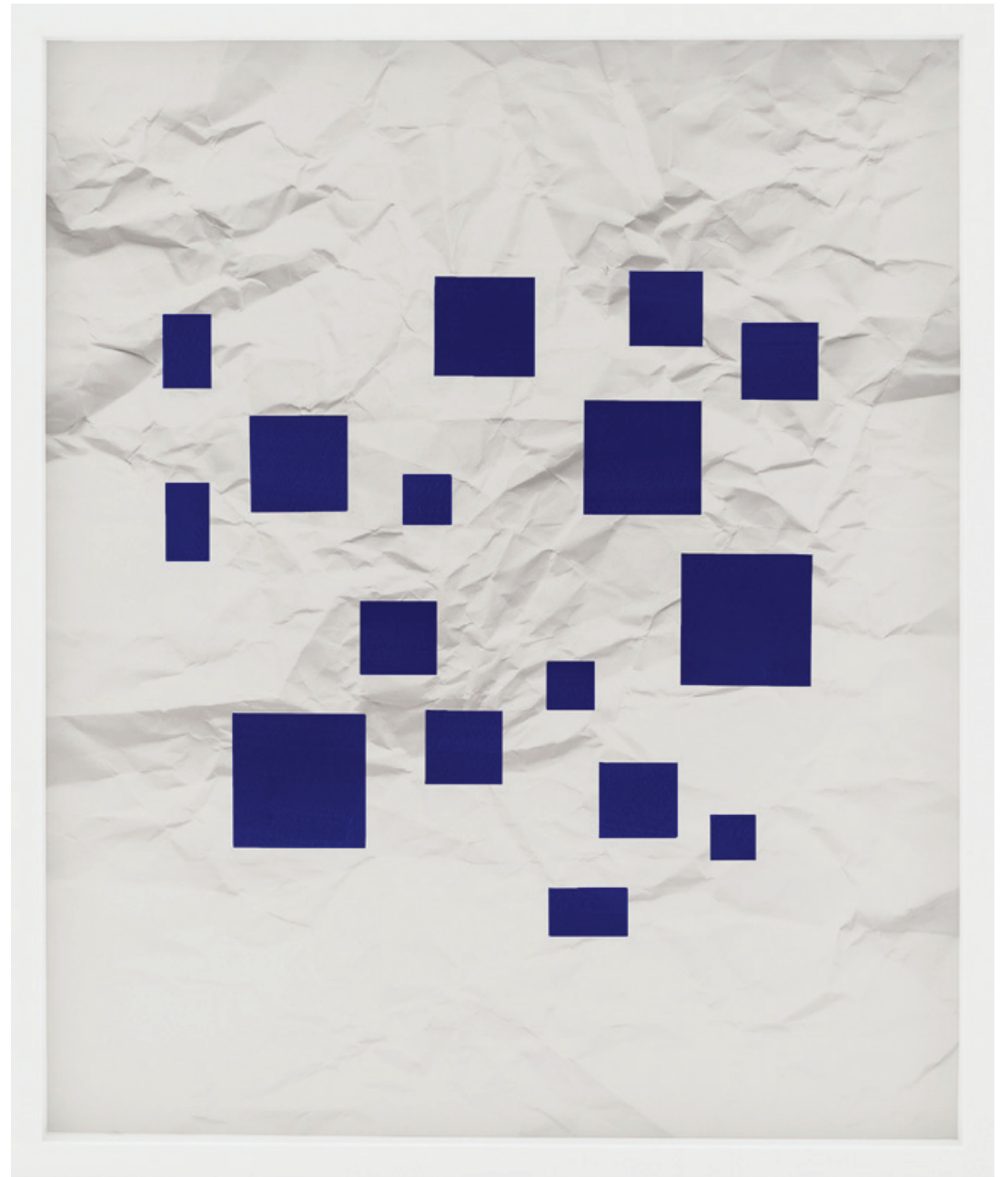




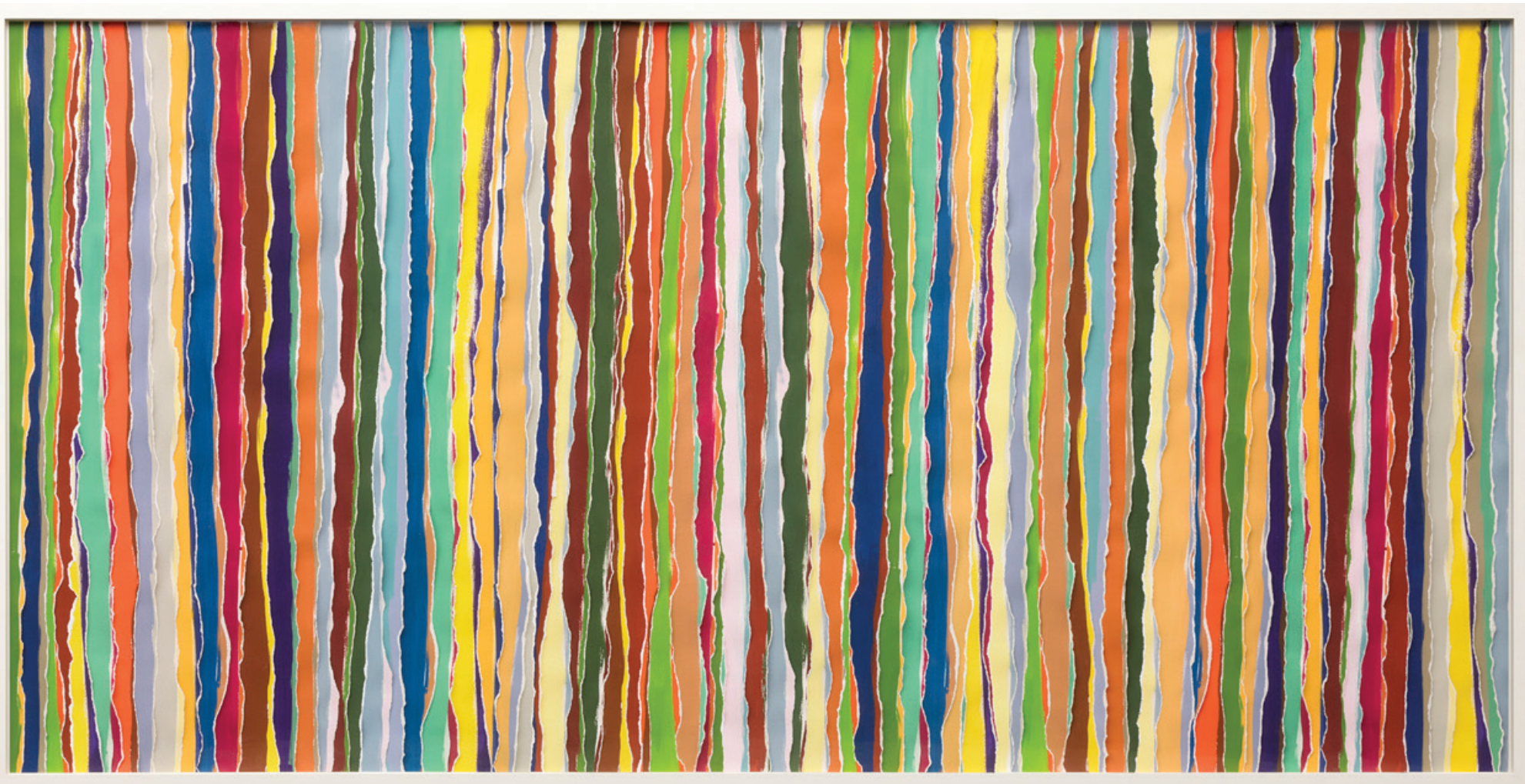
**handmade: sem título circles & newspaper, 2016**  
técnica mista sobre impressão inkjet em papel archival -- 75 x 55 cm

imagem da capa:  
**two nails, 1987/2016**  
impressão de gelatina sobre prata e prego -- 25,2 x 20,4 cm  
coleção the museum of modern art - new york





**handmade: sem título (crumpled paper ultramarine blue squares), 2016**  
técnica mista sobre impressão inkjet em papel archival -- 60 x 50 cm



**handmade: sem título (colored tears), 2016**  
técnica mista sobre impressão inkjet em papel archival -- 157 x 320 cm

## **vik muniz: handmade** **luisa duarte**

*Handmade* atualiza quase trinta anos de experimentações no campo da percepção simultânea de imagens e objetos na obra de Vik Muniz. Aqui, o artista conhecido por fundir a história da iconografia à percepção da matéria limita intencionalmente o seu campo de ação, operando assim dinâmicas básicas entre estímulos visuais reais e virtuais. Nesse enfoque, a abstração se torna a principal ferramenta em uma experimentação a um só tempo aguda e variada.

O público não verá, em *Handmade*, obras realizadas a partir de imagens conhecidas traduzidas a partir de materiais mundanos – marca da produção do artista. Vik alude aqui à vasta tradição da arte abstrata, destilando para isso suas estratégias tão complexas quanto simples na criação de maneiras inusitadas de meditar sobre a imagem e o objeto, sobre a ambiguidade dos sentidos e a importância da ilusão. Handmade traça, assim, a constante preocupação do artista em transcender as dimensões simbólicas da imagem.

Ao longo do vasto conjunto de obras hoje apresentadas, que incluem trabalhos iniciais, datados do fim da década de 1980, acompanhados de uma maioria de inéditos, persiste a investigação que une de maneira impar a eloquência formal e o rigor conceitual característicos do trabalho do artista. *Handmade* é um passo adiante na já longa pesquisa de Vik sobre as formas de ver na contemporaneidade, sobre a possibilidade de uma nova relação com o mundo advinda de uma alfabetização do olhar. Diante de um universo hiper midiático no qual nossos sentidos e sentimentos vão sendo substituídos por imagens – o tato, o paladar, o desejo, tudo possui como ponto de partida uma imagem –, o artista busca nos lembrar que estamos diante de construções imagéticas que devem ser interpretadas.

*Handmade* surge, assim, como uma nova e arrojada provocação de Vik a cada um de nós a respeito da nossa capacidade de ver e distinguir o estatuto da imagem, valendo-se agora, para isso, de intervenções diversas daquelas que usou até aqui. Cada uma das obras em exibição é única. Em todas ocorre uma mescla de reprodução e trabalho feito à mão. Entretanto, é difícil distinguir onde termina a cópia e onde começa a intervenção manual do artista. É justamente nesse limbo das certezas que o artista deseja nos inserir.

Não por acaso, a exposição tem início com obras realizadas no começo da trajetória do artista. Naquele período inicial, a confluência entre objeto e fotografia marcava a produção de Vik. As dezenas de obras reunidas em *Handmade* de alguma maneira são, cada uma delas, simultaneamente imagens e objetos operados pelo artista da tal maneira a não distinguirmos um do outro. O artista parece transformar tudo em imagem, mas finda por deixar um levíssimo vestígio manual que envolve o trabalho em uma nuvem de ambiguidade.

Note-se que o título da mostra contém uma clara dimensão irônica. Trata-se de um feito a mão no qual não conseguimos notar onde se encontra a mão do artista. Chama-se *Handmade*, mas o que se dá é um desaparecimento da unicidade que a expressão comumente evoca e um questionamento sobre a noção de aura da obra de arte na contemporaneidade. Em qual lugar fica o fetiche diante de um trabalho único, sobre o qual o artista entrevistou, quando não conseguimos enxergar tal operação de fato? Onde fica essa manualidade entremeada ao que foi feito pela máquina de maneira a revelar nossa dificuldade em separar ambas? O que significa colocar literalmente num mesmo espaço, sem hierarquias, aquilo reproduzido tecnicamente, e aquilo que nunca mais poderá ser repetido pois fruto do gesto de um sujeito?

Todas essas perguntas são endereçadas a nós por cada um dos trabalhos reunidos na presente exposição. Cabe lembrar que essa fratura entre unicidade e réplica comparece na poética do artista desde sempre. Vik, cuja formação autodidata ocorreu nos Estados Unidos, entendeu muito cedo que em uma sociedade de consumo e hiper-midiática como a nossa, a aura da obra de arte estava não somente fadada a ruir, como também as imagens fabricadas por essa sociedade estariam envoltas em uma espécie de nova forma de aura. Ao se distanciar das imagens figuradas e ir

para o campo da abstração, é como se o artista conseguisse introduzir ali, em uma forma de arte que costuma estar apartada do ruído do mundo, segura em sua autonomia, a ambiguidade entre simulacro e real que caracteriza o olhar contemporâneo, mantendo assim o caráter pop em meio a trabalhos abstratos.

Se a fricção entre imagem e realidade sempre constituiu o âmago do projeto poético do artista, em *Handmade* testemunhamos um novo e sofisticado passo dessa jornada. As perguntas postas pelas obras permanecem conosco, mas é certo que estamos diante de um ponto alto de uma complexa pesquisa sobre as formas de ver na contemporaneidade em busca de uma alfabetização do olhar tecida por Vik Muniz ao longo dos últimos trinta anos.

### sobre **vik muniz**

Vik Muniz (n. 1961, São Paulo, Brasil; vive e trabalha entre Rio de Janeiro e Nova York) destaca-se como um dos artistas mais inovadores e criativos do século 21. Conhecido por criar o que ele descreve como ilusões fotográficas, Muniz trabalha com uma variedade estonteante de materiais não convencionais – incluindo açúcar, diamantes, recortes de revista, calda de chocolate, poeira e lixo – para meticulosamente criar imagens antes de as registrar com sua câmera. Suas fotografias muitas vezes citam imagens icônicas da cultura popular e da história da arte, desafiando a fácil classificação e envolvendo de maneira divertida o processo de percepção do espectador. Seu trabalho mais recente utiliza microscópios eletrônicos e manipula microorganismos para revelar tanto o familiar quanto o estranho em locais que normalmente são inacessíveis ao olho humano.

Vik Muniz iniciou sua carreira artística ao chegar em Nova York em 1984, realizando sua primeira exposição individual em 1988. Desde então vem realizando prestigiadas exposições em instituições como o International Center of Photography, New York; Fundació Joan Miró, Barcelona; Museo d’Arte Contemporanea, Rome; Museu de Arte Moderna, São Paulo; Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro; Tel Aviv Museum of Art e Long Museum, Shanghai.

Suas exposições recentes incluem *Vik Muniz* (High Museum of Art, Atlanta, EUA, 2016); *Vik Muniz: Verso* (Mauritshuis, The Hage, Holanda, 2016); *Escola Vidigal* - 15ª Mostra Internazionale di Architettura | La Biennale di Veneza (Veneza, Itália, 2016); *Une Saison Brésilienne | Vik Muniz na Coleção Géraldine e Lorenz Bäumer* (Maison Européenne de la Photographie, Paris, França, 2016); *Lampedusa, 56ª Bienal de Veneza*, (Naval Environment of Venice, Itália, 2015) e *Vik Muniz: Poetics of Perceptions* (Lowe Art Museum, Miami, EUA, 2015).

Em dezembro de 2008, o MoMA sediou *Artist’s Choice: Vik Muniz, Rebus*, como parte de uma série de exposições com artistas convidados. Muniz também foi convidado da *49ª Bienal de Veneza*; da edição do ano *2000 da Bienal de Whitney*, no Whitney Museum of American Art; da *24ª Bienal Internacional de São Paulo*; e da *46ª Corcoran Biennial Exhibition: Media/Metaphor*, na Corcoran Gallery of Art em Washington, DC. Em 2011, Muniz foi nomeado Embaixador da Boa Vontade da UNESCO.

Seus trabalhos fazem parte da maior parte das coleções de arte públicas como a do Museum of Modern Art, Nova York; Guggenheim Museum, New York; Tate, London; e do Museum of Contemporary Art, Tokyo. Em 2001, Muniz representou o Brasil no Pavilhão da *49ª Bienal de Veneza*. Muniz também é tema do filme *Lixo Extraordinário* (Waste Land), indicado ao Oscar de melhor documentário em 2010.

